

**No mundo do letramento digital, os professores da alfabetização:  
uma análise da escola de ensino fundamental Prof<sup>a</sup>. Emiliana  
Sarmiento Ferreira<sup>1</sup>.**

**Fabício Borges Santa Brígida<sup>2</sup>**

**Universidade da Amazônia/Faculdade Pan Amazônica/Faculdade Paraense de  
Ensino**

**Will Montenegro Teixeira<sup>3</sup>**

**Faculdade Pan Amazônica/Faculdade Paraense de Ensino/Faculdades  
Integradas Ipiranga/Faculdade de Estudos Avançado do Pará**

**Lucilinda Ribeiro Teixeira<sup>4</sup>**

**Universidade da Amazônia**

**José Ferreira Junior<sup>5</sup>**

**Universidade Federal do Maranhão**

**Resumo**

A escola é uma instituição educativa, social e política. A educação perpassa pela reprodutibilidade técnica das telas. Neste sentido, o letramento está relacionado com uso da escrita em sociedade e o impacto da língua na vida moderna, designando uma prática sociocultural de uso da língua escrita que se adequa e se transforma à medida que o tempo passa. O objetivo desta pesquisa é investigar as apreensões da prática de letramento digital na escola estadual de ensino fundamental Prof<sup>a</sup>. Emiliana Sarmiento Ferreira, em Belém (PA). A importância é analisar as mudanças que ocorreram no letramento a partir da efetivação da era da conectividade. Foram entrevistados, por meio de formulários semi-abertos, oito professores que se revezam nos turnos

---

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Educação e Cibercultura, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

2 Mestrando em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). Coordenador pedagógico e professor assistente da Fapan e da Fapen. E-mail: fasantabrigida@hotmail.com.

3 Mestre em Ciências Sociais (área de concentração em Sociologia) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Unama. Professor adjunto da Fapan, da Fapen, da Feapa e das Faculdades Integradas Ipiranga. E-mail: willmontenegro@hotmail.com.

4 Doutora e mestra em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduada em Letras pela UFPA. Professora titular da Unama. E-mail: lucilind@uol.com.br.

5 Pós-Doutor em Literatura Brasileira no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-Universidade de São Paulo (2004). Doutor e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professor associado da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: jferr@uol.com.br.

matutino e vespertino, com alunos da 1º ao 5º ano. Entre os resultados, os suportes digitais não são usados como recursos didáticos de aprendizagem e os professores não têm formação na área da informática.

**Palavras-chave:** Letramento Digital; Educomunicação; Alfabetização

## **Introdução**

Na segunda metade do século XX, Manuel Castells tem os estudos centrados na sociedade civil e movimentos populares, além de analisar o impacto das novas tecnologias na sociedade. Segundo o Caastells (1999), três grandes fatores mundiais afetam as interações e reações sociais. São eles: tecnologia da informação, crise do capitalismo e a emergência de movimentos culturais. Os fatores imprimem influências na economia, na estrutura social e na cultura. A economia passa a ser global, a sociedade baseada em rede (na conexão) e a cultura é virtual.

É nesse momento, de turbulência, de afirmação e efetivação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) que emergem na chamada era informacional ou da sociedade da informação. Ela pode ser denominada de sociedade do conhecimento, da inovação, do digital e ainda dos computadores. É partir disso que os computadores se firmam e a internet se alastra pelo mundo. Castells (1999) menciona que há quatro telas que norteiam a sociedade. Segue na ordem: cinema, computador, celular e, agora, o *ipad*.

Informação é o resultado do processamento, manipulação (no sentido de manuseio) e organização de dados de modo que adiciona ao conhecimento da pessoa que o recebe. É necessário ressaltar que comunicação é troca, transmissão e veiculação de informação, fluxo de informação e ideias.

A educação perpassa pela reprodutibilidade técnica das telas e pelas mudanças que o mundo passou. A sociedade é

constituída de redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura da virtualidade nos fluxos globais os quais, por sua vez, transcendem o tempo e o espaço. (...) A compreensão do nosso mundo requer a análise simultânea da sociedade em rede e de seus desafios conflituosos. (CASTELLS, 1999, p. 26).

Portanto, a sociedade da informação é uma sociedade que, predominantemente, utiliza as tecnologias da informação e comunicação para a troca de informação em formato digital e que suporta a interação entre indivíduos com recursos às práticas e métodos em construção permanente.

Os novos caminhos da transformação social,

(...) na era da informação, a principal lógica das redes globais predominantes é tão difusa e penetrante, que o único modo de se livrar de seu domínio parece ser ficar fora delas e reconstruir o significado com base em um sistema de valores e crenças inteiramente distinto (CASTELLS, 1999, p. 36).

Castells classifica o século XXI como a “era da perplexidade consciente”,

A promessa da era da Informação representa o desencadeamento de uma capacidade produtiva jamais vista, mediante o poder da mente. (...) Penso, logo produzo. (...) O sonho do Iluminismo está ao nosso alcance. (...) Todavia, há uma enorme defasagem entre nosso excesso de desenvolvimento tecnológico e o subdesenvolvimento social (CASTELLS, 1999, p. 50).

Dentro dessa perspectiva, Lemos (2005) analisa a sociedade da informação apontada por Castells e afirma que a sociedade da informação passa por transformações nas práticas sociais, na vivência do espaço urbano e na forma de produzir e consumir informação a partir da popularização no uso da internet com computação sem fio, a partir da década de 80.

A sociedade da informação - caracterizada pela convergência tecnológica - chega a uma nova fase, a era da conectividade com os computadores coletivos móveis em uma expansão não só do computador, mas também de uma tecnologia denominada de “nômade”, como os *laptops*, *palms* e celulares. “A rede é o computador e o computador uma máquina de conexão” (LEMOS, 2005, p.2). Lemos afirma que há extensão dos métodos de conexão entre as pessoas em si, a máquina e elas e ainda entre máquinas pelo fato de uma computação onipresente e com troca de informações constantes.

**Educomunicação: letramento digital**

Imersa nesse panorama contextual e histórico comunicacional, a escola, conforme Jacquinot (1998), é uma instituição educativa, social e política simultaneamente. Esses três parâmetros – denominados de tríplice - sofrem constantes modificações, principalmente nas últimas décadas, a partir do momento em que o sistema educacional se aproxima das práticas da comunicação, sob a responsabilidade do professor, que ganha a denominação de educador.

Soares (1999) explica a educação como um “novo espaço de intervenção social”, que se dá em um campo interdiscursivo e interdisciplinar. Acrescenta ainda que o educador não pode reconhecer o monopólio da transmissão do conhecimento e que somente o professor tem direito da palavra. Para o autor,

Esta foi justamente a segunda hipótese levantada: o novo campo, por sua natureza relacional, estrutura-se de um modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais através de áreas concretas de intervenção social. A interdiscursividade, vale dizer, o diálogo com outros discursos, é a garantia da sobrevivência do novo campo, ao mesmo tempo em que vai permitindo a construção de sua especificidade. Este interdiscurso é multivocal e o seu elemento estruturante é a polifonia. A alteridade é a dimensão constitutiva deste palco de vozes que polemizam entre si, dialogam e se complementam. (SOARES, 1999, p.2).

O autor enfatiza que é necessária a criação de “ecossistemas comunicativos” nos espaços educativos. Soares lembra que ecossistema é um espaço sempre em construção e o seu aperfeiçoamento varia de acordo como o tema que é desenvolvido.

“A Educação deve ser introduzida nos espaços educativos a partir das condições específicas que caracterizam os diferentes ambientes, e, especialmente, a partir das alianças possíveis de serem feitas entre os agentes sociais que atuam em determinado espaço educativo”. (SOARES, 1999, p. 3)

Nessa perspectiva de novo espaço de intervenção social interdiscursivo e interdisciplinar, está dentro de uma temática abrangente que é o letramento. A educação é mais uma das práticas do letramento. Segundo Kleiman (2005), o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividade e não somente nas atividades escolares. Na medida em que a sociedade moderna exige conceitos complexos para descrever e entender seus

aspectos relevantes, o conceito de letramento também ajuda a conhecer as diversas funções da língua escrita na sociedade a partir de um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos, ressaltando o aspecto social e utilitário do letramento. O fenômeno do letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do homem no mundo da escrita como é concebido pela escola, sistema oficial e vigente, para realizar esse processo. No entanto, o letramento extrapola esse espaço, daí ser ele um conjunto de práticas com objetivos específicos e em contextos específicos envolvendo a escrita.

Equivocadamente, se confunde a definição de letramento como um método. É reduzi-lo a uma prática única e estanque que irá trabalhar morfemas ou formas mínimas significativas que formam a palavra. A adoção de práticas diárias de leitura em sala de aula, a utilização da estrutura da escola e da comunidade para que o aluno aprenda a identificar-se no contexto são práticas metodológicas que não restringem o letramento a um método de ensinar.

Confunde-se letramento com o oposto ao conceito de alfabetização. A alfabetização é complementar ao letramento. A alfabetização é uma prática de letramento, que faz parte do conjunto de práticas sociais do uso da escrita, pois envolve o saber de usar o código para ensinar, decodificar, analisar e reconhecer palavras.

Outro equívoco é considerar que o letramento poderá ser ensinado como uma habilidade. O letramento envolve um conjunto de habilidade e de competências, mas não como um fim, mas um meio para participar de eventos de letramento relevantes à participação social, criando e recriando a partir da realidade do indivíduo para haja a interação social (KLEIMAN, 2005).

O letramento está relacionado com uso da escrita em sociedade e o impacto da língua na vida moderna, designando uma prática sociocultural de uso da língua escrita que se adequa e se transforma à medida que o tempo passa, assim como se transformou a sociedade, a família, o trabalho, as relações comerciais, a ciência e os demais aspectos da vida humana mudaram, a língua escrita, também mudou, e isso se deu em virtude dessa escrita passar a ser de domínio universal, deixando de pertencer a poucos e passando a ser um direito de todos.

Antes para ser alfabetizado era necessário somente ter o domínio do código alfabético, mas na atualidade espera-se que além de dominar esse código, o aluno consiga comunicar-se por meio da escrita em uma variada gama de situações e plataformas, sobretudo, digitais (KLEIMAN, 2005).

### **Pesquisa com os professores**

Foram analisadas as práticas de letramento digital, a partir do conceito desenvolvido por Kleiman (2005), que o define a partir um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. A autora ressalta que o letramento extrapola o mundo da escrita tal como as instituições formais de ensino vem se propondo a fazer. A escola é a instituição formal e oficial, mas que passa, nessa perspectiva de uma sociedade informatiza e conectada, a ser agenciadora do processo das práticas de letramento.

A rede pública de ensino do Estado do Pará possui iniciativas relacionadas ao letramento. O estado do Pará fez a adoção ao sistema nacional de ingresso à rede pública de ensino a partir dos seis anos desde 2009. Ao longo desse período, promove a formação de professores, com temáticas específicas nas práticas de letramento.

Em termos digitais, os recursos disponíveis pela rede pública são softwares educativos, NTIC, acesso à internet e canais televisivos e até programas educativos de veículo de comunicação com a utilização de jornais.

O *locus* é a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Emiliana Sarmiento Ferreira, situada na área central da capital paraense, Belém, e às proximidades de bairros periféricos. Atualmente, ela possui um contingente de 300 alunos matriculados, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, e oito professores nos turnos matutino e vespertino.

No que se refere aos recursos disponíveis no sentido técnico e tecnológico, ela dispõe de uma sala de leitura, uma sala de informática e uma sala para atendimento de pessoas com deficiência. A primeira possui aparelhos televisor e de DVD, além de materiais audiovisuais. Ainda nessa sala, existe um segundo aparelho televisor dedicado ao canal da TV Educativa, do Governo Federal. No entanto, é pouco

utilizada em função da recente chegada do material na escola. Na sala de informática existem 10 computadores com acesso à internet. Apesar disso, a periodicidade de uso não é frequente, ora por falta de profissional, ora por ausência de interesse. A sala dedicada às pessoas com deficiência possui um aparelho televisor e computadores, com softwares específicos.

Para esta análise, foram entrevistados os oito professores da escola. Teixeira (1999) observa que a entrevista é umas das técnicas de coleta de dados mais utilizada no campo de estudo das ciências sociais, além do procedimento servir para o diagnóstico e orientação da pesquisa. A definição utilizada pela autora se apresenta como “uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e outra se apresenta como fonte de informação” (TEXEIRA, 1999, p.17).

Dentre os modelos de entrevista em profundidade, a semi-aberta é a mais adequada para esta pesquisa. O modelo tem o início a partir de uma matriz, ou seja, um roteiro de questões. A semi-aberta parte de questionamentos básicos, embasados em teorias e hipóteses referentes à pesquisa. O roteiro exige determinadas perguntas, que no decorrer da entrevista, podem ser discutidas e ampliadas em profundidade. Além de que cada pergunta é aprofundada a partir das respostas do entrevistado.

Quando questionadas sobre as atividades desenvolvidas que proporcionam o letramento dos alunos, os professores responderam poema, música, desenho, história, jogos, atividades lúdicas, dobradura, pesquisa em revista, ditado, utilização de quadrinhos, leitura de textos, cópias, pesquisas, contação de história e trabalhos a partir da formação do nome ou tema gerador. Essas respostas sinalizam para atividades ligadas a materiais que reforçam o letramento a partir da utilização da letra, no sentido de alfabetização, o que se distancia da prática de letramento digital.

No que se refere aos recursos didáticos utilizados no dia a dia em sala de aula, os professores responderam livro, jornal, quadro branco, cordel, cartazes, atlas, gráficos, livros, dicionário, jogos, papel, sucatas, alfabeto móvel, brinquedos, atividades xerografadas, livros didáticos e paradidáticos e vídeo. É evidente que a pergunta direcionava para a utilização do recurso enquanto forma didática de ensino para o letramento, no entanto, o que foi visualizado é a utilização de materiais físicos

como forma de ensino, ainda que pautado pelo alfabeto, mas não distante de plataformas, como, por exemplo, o livro, o jornal e o papel.

A utilização do laboratório de informática, que não foi citado como recurso didático ao ensino na prática do letramento digital, foi outro ponto questionado pela pesquisa. Nenhum dos professores entrevistados tem habilidades e competências suficientes para utilizar os equipamentos de informática e o laboratório de forma autônoma. Todos dependem da intermediação do professor técnico para ligar, escolher as atividades e orientar quanto ao uso. A aula se dá pela escolha de um tema da aula e é pedido ao professor técnico do laboratório para pesquisar as atividades a serem realizadas com o aluno, principalmente nas disciplinas de matemática e de ciências. Em alguns casos, é dada continuidade para o que é trabalhado em sala de aula. Em outros, as atividades no laboratório os professores direcionam as atividades para jogos, atividades lúdicas, mas pouco relacionando com o conteúdo. Com base nas respostas, o computador é apenas um instrumento, uma possibilidade, uma alternativa que pode ser utilizada a fim de diversificar a aula.

No que se refere à formação, foi questionado aos professores se informática foi incluída. Dos oito professores, sete não tiveram nenhuma disciplina ou formação durante a formação superior de professor sobre informática. Apenas um teve algum tipo de instrução, mas não o suficiente para utilização em sala de aula como recurso didático.

A autoavaliação como participante de construção cidadã da escola também foi questionado aos professores. Dos 8 professores, 6 responderam que participam de algum processo de construção cidadã e 2 responderam que não. Entre os que responderam positivamente, afirmaram que a construção cidadã se dá principalmente na escola e relacionaram a sua participação na construção cidadã fora do espaço escolar, como, por exemplo, na paróquia com evangelização.

O letramento está relacionado com uso da escrita em sociedade e o impacto da língua na vida moderna, designando uma prática sociocultural de uso da língua escrita que se adequa e se transforma à medida que o tempo passa, assim como se transformou a sociedade, a família, o trabalho, as relações comerciais, a ciência e os demais aspectos da vida humana mudaram, a língua escrita, também mudou, e isso se



deu em virtude dessa escrita passar a ser de domínio universal, deixando de pertencer a poucos e passando a ser um direito de todos.

Antes para ser alfabetizado era necessário somente ter o domínio do código alfabético, mas na atualidade espera-se que além de dominar esse código, o aluno consiga comunicar-se através da escrita em uma variada gama de situações e plataformas, sobretudo, digitais (KLEIMAN, 2005).

A tecnologia tem dado suporte ao uso da língua escrita. Mudanças são percebidas na sociedade e principalmente na escola, mostrando que o letramento também se estende ao processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas de escrita nas sociedades, o que implica em mudanças sociais e tecnológicas e a partir das transformações na concepção da linguagem falada (oralidade) e na linguagem não-verbal, ocasionando novas relações com o texto escrito.

A relação de transformação entre as linguagens, oral e escrita, não é de diferença para o letramento, mas de continuidade entre as relações da língua falada e língua escrita, a pesar de serem dois sistemas semióticos ou sistemas de signos que utilizam canais e modalidades de comunicação distinto (KLEIMAN, 2005).

Outras linguagens são agregadas a partir de tais mudanças. As práticas de letramento como reflexão sobre o ensino da língua escrita sofrem uma ampliação no universo textual, o que inclui novos gêneros, novas práticas sociais mudando assim substancialmente a utilização da linguagem escrita, verbal e imagética. O texto passa a ser multimodal ou multissemiótico, pois são usadas as linguagens verbais, imagens, fotos, recursos gráficos que cada vez mais dão sentido e tornam-se uma forma de comunicação importante.

### **Considerações Finais**

Nesse espaço, surgem os sujeitos denominados de estudante e de professor. Sujeitos integrantes de uma modernidade que Hall (2011) a define a partir de Giddens, quando traz a discussão de um momento em o sujeito está propenso a várias interferências e de certa forma “perdido” no mundo. É o que mais à frente Beck (2010) trouxe como uma sociedade do risco, inserida nesse cenário de instabilidade, que qualquer coisa está prestes a acontecer.

Segundo ele, o risco na questão sociológica seria de que é um componente da estrutura social, no qual se manifesta de determinado modo que permite agir de uma maneira esperada, ou ainda seria um componente de conjuntura, acionado de acordo com a necessidade. É por esse viés que Hall (2011) discute a identidade cultural na pós-modernidade, momento em que o sujeito, além de ter sua raiz, tem outras formas e maneiras de se relacionar com o que está recebendo do mundo.

O processo educacional passa, à luz de análise, pelo o que Castro (2002) relata ao discutir a questão do mármore e da murta. Ao trazer a reflexão sobre os mal-entendidos entre os jesuítas e os grupos tupinambá no século XVI, há um processo análogo, mesmo que respeitadas as suas diferenças, entre professor e aluno. O professor está em sala com os múltiplos saberes a fim de passar ao aluno, enquanto este último, por sua vez, chega em sala com um cultura externa e todos entram em um processo formal de ensino. Ou seja, daquilo que deve ser de certo modo “catequizado” - ensinado - aos estudantes.

Os alunos, por sua vez, são sujeitos imersos pós-modernidade da identidade cultural, diferente dos tupinambás de outrora. No entanto, não se diferenciam na análise proposta Castro (2002) ao relatar a múrmura e o mármore. Inicialmente, apresenta uma metáfora com os dois nomes.

As estátuas de murta, facilmente recortadas, mas que rapidamente se desfazem com o crescimento da planta, com as estátuas de mármore, entalhadas em material resistente, porém duráveis. As murtas fazem corresponder à disposição dos índios para com as crenças e práticas cristãs, tão ligeiras em aceitá-las quanto em abandoná-las. O mármore, a daqueles povos por muito tempo avessos à pregação, mas que, uma vez convertidos, se mantêm firmes na nova fé. Além disso, evangelizar os pagões do velho mundo era uma tarefa árdua e dolorosa, mas o resultado deste trabalho ficava para sempre duro e rijo como o mármore.

Catequizar os "brasis" era como um trabalho de murta, mas que por um descuido de qualquer jardineiro já cresciam galhos e folhas e assim era como os nativos que voltariam ao estado primitivo. Os índios são traduzidos pelo povo tupinambá. Eles não resistiam a uma nova aprendizagem da religião do povo branco, os “karaibas”, mas buscavam no seu próprio universo religioso e cultural, referências para traduzir todo o aprendizado, ou seja, eles se sentiam efetivamente cristãos sem

que fosse nos moldes pensado pelo europeu, mas precisavam dar um sentido para esta nova fé (CASTRO, 2002).

Com isso, entra em questão a figura do educador, responsável por realizar as ações de formação e de intervenção social ou profissional, que faz o trânsito necessário entre a Educação e a Comunicação. “Os professores que introduziram os meios na escola (...) puderam perceber que isso provoca mudanças profundas nos objetivos e métodos de ensino” (SOARES, 1999, p. 10).

Ao aproximar a educação formal da comunicação social, o autor analisa as teorias da comunicação e da aprendizagem que, recentemente, convergiram “para substituir o paradigma da transmissão de conhecimento, como valores, pela da mediação compreendida como modelo interpretativo e relacional de apropriação de conhecimentos” (SOARES, 1999, p. 10).

### **Referências bibliográficas**

CASTELLS, M. **A sociedade em rede** – volume I: A era da informação: economia, sociedade e cultura. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Casac&Naify, 2002.

FREIRE, P. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

JACQUINOT, G. **O que é um educador?** – O papel da comunicação na formação dos professores. Artigo apresentado no I Congresso Internacional de Comunicação e Educação, São Paulo, 1998. Disponível em: [www.cesnors.ufsm.br](http://www.cesnors.ufsm.br). Acesso em: 5 de Dezembro de 2011.

KLEIMAN, A. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?**. Campinas (SP): Cefiel/IEL/Unicamp, 2005

\_\_\_\_\_. **Projetos de Letramento na Educação Infantil**. In Revista Caminhos em Linguística Aplicada UNITAU. Volume 1 Numero 1/2009. Disponível em: [WWW.unitau.br/caminhosla](http://WWW.unitau.br/caminhosla)

MARTÍN-BARBERO, J. **Sujeito, comunicação e cultura**. *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo: Moderna/Eca-Usp, maio/ago.1999. n° 15. – Entrevista concedida a Roseli Fíguro e Maria Aparecida Baccega.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações** – Comunicação, cultura e hegemonia. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SARTORI, A. **Inter-relações entre comunicação e educação: a educomunicação e a gestão dos fluxos comunicacionais.** In Unirevista, vol. 1 , nº 3, julho/2006.

SCHAUN, A. **Educomunicação: reflexões e princípios.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, I. **A Educomunicação e suas áreas de intervenção.** Textos sobre Educomunicação, disponível em <http://www.usp.br/nce>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.** In *Contato, Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação*, Brasília, ano 1, nº 2, jan/mar. 1999, p. 5-75.

\_\_\_\_\_. **Uma Educomunicação para a Cidadania.** I Congresso Internacional de Comunicação e Educação. São Paulo, maio de 1998. Banco de Artigos da Universidade de São Paulo. Disponível em: [www.eca.usp.br/nucleos/nce/artigos.html](http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/artigos.html). Acesso em: 10 de Dezembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e Educomunicação** – O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. São Paulo [200?]. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>>. Acesso em: 12 de Dezembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação, uma revolução na sala de aula.** Folha Dirigida, nº 1.396. São Paulo: 08 a 14/12/2005. Disponível em: <http://www.bemtv.org.br/portal/educominicar/pdf/edurevolucao.pdf>. Acesso em: 15 de Dezembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Gestão comunicativa e educação:** Caminhos da educomunicação. Revista Comunicação & Educação, nº 231. São Paulo: 16 a 25, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4172/3911>. Acesso em: 16 de Dezembro de 2011.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias:** Acadêmica, da Ciência e da Pesquisa. Belém (PA): Grapel, 1999.